

Transmissão, comunhão, comunicação

James Carey – *Communication as culture: essays on media and society*

Transmission, communion, communication

James Carey — *Communication as culture: essays on media and society*

■ MARCO TOLEDO BASTOS*

CAREY, James W.

*Communication as culture:
essays on media and society.*

New York: Routledge, 205 p., 2009.

RESUMO

O livro é um clássico da escola de comunicação americana, reeditado em 2009 pela Routledge na ocasião da morte do autor. A nova edição conta com prefácio de G. Stuart Adam e explica o papel essencial que James Carey teve na consolidação do campo da comunicação nos Estados Unidos, especialmente no combate à redução da pesquisa a funções de controle social e político. O livro sustenta que a comunicação não é somente transmissão de informação, mas igualmente comunhão e compartilhamento de emoções e experiências. Os ensaios desse livro contribuem para um importante debate sobre o conceito de comunicação, que ora privilegia a transmissão de sinais, ora privilegia o compartilhamento de experiências.

Palavras-chave: comunicação, informação, comunhão, transmissão, cultura

ABSTRACT

The book is a classic text from the American school of communication. It was republished in 2009 by Routledge on the occasion of the author's death. This new edition includes a critical foreword by G. Stuart Adam that explains Carey's fundamental role in the establishment of the communication studies in America, particularly against the American tradition of focusing only on mass communication's function as a means of social and political control. Carey sustains that communication is not merely the transmission of information; reminding the reader of the link between the words *communication* and *community*. The collection of essays presented in this volume furnishes an important debate on the concept of communication, which at times favors the transmission of signs, at times favors the sharing of common experiences.

Keywords: communication, information, communion, transmission, culture

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo e mestre em Ciências da Comunicação pela mesma universidade.

COMUNICAÇÃO COMO CULTURA: *ensaios sobre media e sociedade* (*Communication as culture: essays on media and society*) é um clássico da escola de comunicação americana. Publicado originalmente pela Unwin Hyman em 1989, o livro foi reeditado em 2009 pela Routledge com laivos de obituário. O comunicólogo e crítico dos *media*, que faleceu em 2006, foi o fundador do programa de pós-graduação da Universidade de Columbia e responsável pela divulgação das obras dos canadenses Harold Innis e Marshall McLuhan, que formariam mais tarde o cânone da pesquisa anglófona em comunicação. Especialmente Harold Innis, homenageado no talvez mais importante ensaio do livro: *Espaço, Tempo e Comunicação*, e que teve papel essencial na formação de James Carey.

A nova edição conta com uma bibliografia das obras do autor e um prefácio de G. Stuart Adam, professor emérito da Universidade Carleton e ex-estudante de Carey. O texto introdutório explica o papel essencial que James Carey teve na consolidação do campo da comunicação nos Estados Unidos, modificando os estudos de comunicação de massa de forma que fosse possível incorporar uma perspectiva cultural à tradição da pesquisa administrativa. Sua crítica ao entendimento instrumental da comunicação tinha por objetivo combater a redução dos meios de comunicação de massa a funções de controle social e político, ao mesmo tempo em que oferecia uma análise dos conteúdos da comunicação, isto é, do significado dos símbolos e não apenas dos motivos ou dos objetivos almejados.

Embora Carey não seja um teórico de fôlego, nem tampouco seus ensaios tenham repercutido além do campo da comunicação, a coletânea de escritos apresenta efetivamente alguns *insights* que ajudam a compreender a aporia fundamental do conceito de comunicação. Ao rechaçar a busca por leis regulares de comportamento e qualificar a comunicação como “um fenômeno que não é puro e que não pode ser desvendado por meio de um método objetivo e livre das artimanhas da cultura” (Carey 2009: 24), Carey vincula comunicação e cultura por meio de uma imagem ritualística da comunicação. Por meio da contraposição entre transmissão de mensagens no espaço e a comunhão de experiências no tempo, Carey reaproxima a comunicação da acepção comunal que o sufixo do termo denuncia.

Com isso, a tese de Carey está baseada em duas metáforas comunicacionais. A primeira metáfora, de matriz espacial, entende a comunicação como transporte, os agentes da comunicação como emissores/receptores, a produção de sentido como envio/recepção e o evento comunicacional em termos de eficiência na transmissão. A segunda metáfora, de matriz temporal, entende a comunicação como cerimonial, os agentes da comunicação

como participantes, a produção de sentido como criação/recriação e o evento comunicacional como uma experiência compartilhada. Embora os estudos comunicacionais americanos tenham forte semelhança com os estudos culturais anglófonos, Carey rejeita a pesquisa de Stuart Hall e a entende como uma variante teórica que também privilegia o modelo de comunicação como transmissão. Para Carey, a comunicação tem raízes no tempo e na História, e os comunicólogos deveriam olhar para outro conjunto de disciplinas auxiliares para a pesquisa em comunicação: a biologia, a teologia, a antropologia e a literatura (Ibid.: 18).

Com isso, a tese de Carey sustenta que a comunicação não é somente transmissão de informação, mas também comunhão e compartilhamento de emoções e experiências. James Carey nota que essas duas acepções do termo comunicação foram incorporadas ao discurso comum da cultura americana no século XIX. Ambas as definições derivam de uma mesma acepção religiosa que, entretanto, se refere a diferentes experiências místicas. Por um lado, haveria a experiência da transmissão, e por outro lado, a do ritual de comunhão. A acepção predominante, a de transmissão, dominou as sociedades industriais e implica nas imagens de propagação, emissão e transmissão. Essa imagem seria derivada de uma metáfora espacial e geográfica baseada no transporte de pessoas e de bens, em consonância com a circulação econômica do século XIX, e cuja transposição para o universo da informação entendia os dois movimentos como essencialmente análogos.

Materialidade e informação, com isso, teriam sido unificadas sob a égide da comunicação como transmissão de sinais ou mensagens por distâncias variáveis, uma imagem poderosa que traduzia os sonhos de velocidade e a repercussão das mensagens que se alastravam pelo espaço. Essa dupla polaridade da comunicação também está presente na herança filológica do termo em português, uma vez que o vocábulo latino *communicatio* remete tanto à quebra de um isolamento como à experiência gregária — a ação de tornar algo comum a muitos. Mesmo o *Vocabulário Portuguez e Latino*, cujos 16 volumes foram publicados originalmente entre 1712 e 1728, já registrava as acepções de comunicação retórica, por palavras e por bens, e de comunicação social, entre pessoas e grupos. O primeiro dicionário português também definia a comunicação como a ação de comunicar um saber ou um pensamento. Com isso, a comunicação implicava desde logo, por um lado, na ideia de partilha, divisão ou compartilhamento de alguma coisa entre pessoas: uma que emite e outra que recebe. Por outro lado, o termo sugeria uma imagem de transmissão, a comunicação de um saber ou de um conhecimento. Ambas as acepções estavam presentes na origem portuguesa e latina do termo.

James Carey não foi o único a desvendar essa oscilação no conceito de comunicação. O comportamento bipolar do conceito se repetiu em uma variedade de debates subsequentes que ponderaram sobre um desenho fechado para os elementos da comunicação, privilegiando portanto a transmissão de sinais; ou uma imagem aberta para o fenômeno comunicacional, privilegiando com isso o compartilhamento de experiências ou a síntese de informações. Se as abordagens funcionalistas e cibernéticas admitiam certo fechamento operacional para circunscrever a transmissão e a face circular da comunicação, os estudos de recepção e a fenomenologia assumiam a abertura dos agentes e a disrupção como um acontecimento comunicacional irreduzível. O campo de estudos da comunicação incorporou, em função da própria elasticidade do conceito, essas duas dimensões epistemológicas não obstante a ausência relativa de um debate sobre a matéria.

A contribuição de Carey, com isso, não é propriamente teórica, mas metodológica. O autor norte-americano consegue visualizar os dois programas de pesquisa em relação a um mesmo objeto. O jornalismo, por exemplo, constituiria um objeto de pesquisa que transita entre essas duas dimensões comunicacionais. Seria possível abordar um periódico tanto pela visão ritualística, onde a leitura do jornal constrói ou reforça uma visão de mundo compartilhada, como pelo entendimento da comunicação como transmissão de mensagens, onde a leitura do jornal tem consequências econômicas e sociais relativas à circulação e disseminação do conhecimento.

Se examinarmos o jornal dentro do modelo de comunicação como transmissão, então entenderemos esse *medium* como um instrumento para a disseminação da notícia, do conhecimento e eventualmente do entretenimento como unidades de informação distribuídas em distâncias cada vez mais amplas. As questões que emergem se referem aos efeitos desse mecanismo na audiência: a notícia como ferramenta que explica ou distorce a realidade; como ação que reforça ou altera as atitudes; como conquista da credibilidade ou do descrédito. Também surgem algumas questões relacionadas com as funções da notícia e do jornal: o *medium* reforça ou enfraquece a integração da sociedade? O *medium* promove a estabilidade ou a instabilidade entre a população? Essa é a mecânica da análise que acompanha a pesquisa em comunicação como transmissão de mensagens. (...)

O entendimento da comunicação como ritual, por outro lado, enfocará um conjunto diferente de problemas ao examinar o jornal. A leitura do jornal, por exemplo, será vista menos como uma ação de enviar ou receber informação e mais como a participação em uma massa, uma situação em que nada novo é aprendido, mas em que uma visão particular do mundo é retratada ou confirmada

A escrita e a leitura da notícia, com isso, conformam um ato ritualístico e dramático. Aquilo que é ordenado para o leitor não é informação pura, mas um retrato das forças em conflito no mundo. Ademais, conforme os leitores lêem o jornal, eles participam de uma constante troca de posições ou de foco dramático. (...) Sob o prisma da comunicação ritualística, a notícia não é informação, mas drama. Ela não descreve o mundo, mas retrata uma arena de encenação e foco dramático. Ela existe apenas dentro de um tempo histórico e nos convida, muitas vezes de forma indireta, à participação por meio da aceitação de funções sociais dentro do drama (Ibid.: 16-17).

A proposição metodológica de Carey é demonstrada em sua análise seminal do telégrafo, que teria desalojado o contato face a face nos negócios. O pesquisador norte-americano percorre a história do telégrafo e pontua as mudanças sociais e comerciais que o *medium* trouxe. A metáfora da comunicação como transporte de mensagens surge aqui em cores primitivas, uma vez que teria sido o próprio telégrafo que separou pela primeira vez a comunicação e o transporte de mensagens, reorganizando as funções espaço/tempo e seus efeitos sociais e ideológicos. Com a separação entre comunicação e informação, criada pelo telégrafo, as mensagens podiam circular mais rápido que o limite imposto pela entrega por pessoas, trens ou cavalos. O telégrafo, com isso, “permitiu não apenas que as mensagens fossem separadas da circulação física dos objetos; ela permitiu, também, que a comunicação controlasse ativamente os processos físicos” (Ibid.: 157).

Com isso, a experiência social e comercial teria sido alterada pela reestruturação das coordenadas temporais e espaciais que o telégrafo introduz. Esse sistema de transmissão de mensagens, diz Carey, torna a geografia irrelevante para a comunicação porque permite que símbolos se movam de modo mais rápido e independente que o transporte factível de objetos (Ibid.: 165). Essa reconfiguração seminal teria permitido que a comunicação se movesse de círculos locais para círculos nacionais e, finalmente, para círculos internacionais ou globais. Permitindo que pessoas de um lado do mundo se comunicassem quase instantaneamente com pessoas do outro lado do mundo, o telégrafo impactava a linguagem e o estilo literário, imediatamente reorganizado em direção a uma maior concisão e inteligibilidade. Em função do custo operacional de cada caractere enviado, a prosa se tornava mais seca, desprovida de adornos e separada de qualquer relação subjetiva entre leitor e autor. O humor, o coloquialismo e as idiossincrasias do texto cediam espaço à objetividade e ao equilíbrio, de modo que um texto pudesse ser lido por pessoas das mais diferentes formações sociais e políticas.

R

Transmissão, comunhão, comunicação

James Carey – *Communication as culture: essays on media and society*

Os ensaios de James Carey, reunidos nesse livro, contribuem para um esclarecimento sobre a situação limítrofe do conceito de comunicação. Essa aporia, que se repetiu em uma variedade de debates subsequentes, ponderara sobre um desenho fechado para os elementos da comunicação, privilegiando, portanto, a transmissão de sinais, ou uma imagem aberta para o fenômeno comunicacional, dando ênfase, assim, ao compartilhamento de experiências ou a síntese de informações. O debate, que também foi revivido nas universidades francesas, marcou a cena acadêmica alemã da década de 1960 do século XX, especialmente na contenda entre Jürgen Habermas e Niklas Luhmann, cujos conceitos de comunicação são simetricamente opostos. De certo modo, esse dois sistemas de pensamento espelham uma diferença fundamental entre diferentes matrizes epistemológicas da comunicação. Se o livro de James Carey não resolve a questão, ele ajuda, de todo modo, a encaminhar as errâncias do conceito de comunicação. **M**

Resenha recebida em 7 de abril e aprovada em 23 de abril de 2010.